

O ATO PSICANALÍTICO NO CAMPO DO GOZO

Liliana Marlene da Silva Alves
Sérgio Scotti

O ato psicanalítico é fonte de interrogação e instrumento de autorização para todo aquele que se propõe seguir uma prática orientada pela ética da psicanálise, ética essa que implica um saber que permanece sempre aberto e requer uma permanente verificação e comprovação. Sendo esse o tema de nosso projeto de mestrado, pretendemos apresentar algumas considerações em torno do ato psicanalítico articulado ao campo do gozo, tal como formulado por Lacan (1969-1970/1992) em “O Seminário, Livro 17, o avesso da psicanálise”.

Verificamos na clínica, e a isso o próprio Lacan faz referência, que o ato faz corte na cadeia associativa do sujeito, no ponto de repetição de gozo, produzindo um efeito de vazio e fazendo emergir o saber inconsciente no lugar do sintoma. A isso Lacan chamou de “efeito de sujeito que se produz pela palavra, na linguagem, enquanto radicalmente divisor” (LACAN, 1967-68, p. 234). Esse efeito de sujeito que aparece sob a forma de pulsação do inconsciente é contemporâneo à instalação da transferência e da função do sujeito suposto saber. A transferência, entretanto, não dá garantias ao ato psicanalítico, para tanto, é necessária certa especificidade na relação do analista com esse saber instituído pelo ato, oriunda da sua própria análise levada a termo.

O ato psicanalítico, cuja estrutura Lacan se dedica a definir, implica uma dimensão de dizer “sempre percebida e presente na experiência” (LACAN, 1967-68, p. 93), indicando que há um saber específico que pode ser encontrado para além das enunciações efetivas do sujeito, uma vez que o termo “dizer” não é totalmente equivalente à fala, “ele é portador de uma significação suplementar” (PORGE, 2009, p.

125) e implica uma relação com o real que toca a verdade na sua condição impossível de se dizer toda.

O ato psicanalítico presentifica um retorno ao ponto de estrutura no qual o sujeito cria uma solução para a relação sexual que não existe, ou seja, nesse ponto onde ele faz existir a relação sexual impossível através da fantasia, do sintoma. Em outras palavras, o sintoma faz suplência à falta de relação sexual e a isso o sujeito está fixado. No caso do neurótico, o sintoma falha e por esse motivo o neurótico se queixa demandando a relação que falta e denunciando a insuficiência de gozo (SOLER, 1991). O ato incide desse modo no ponto em que a fantasia rateia, na falha estrutural, ponto em que o sujeito sempre retorna tentando dar conta de suturar o furo no Outro.

Nesse sentido, o ato opera uma subversão do sujeito (LACAN, 1967-68, p. 79-89), impondo um deslizamento sob transferência, da posição correlativa à alienação originária, momento da fantasia, para a posição do “Eu não sou” situada em relação com a verdade que em suma, pressupõe que a falta na posição do “eu não penso” — ponto que Lacan situa o *Wo es war soll Ich Werden*, premissa ética freudiana — é a perda na posição “Eu não sou” (LACAN, 1967-68, p. 79). Perda que é causa do sujeito e que se chama objeto *a*, na medida em que “o sujeito não é causa de si, e seria preciso que ele se colocasse na conseqüência da perda, a que constitui o objeto *a*, para saber o que lhe falta” (LACAN, 1967-68, p. 89).

Lacan diz ainda que, no que concerne à experiência analítica, o sujeito do ato analítico não pode saber nada além da transferência e a transferência reporta-se ao sujeito suposto saber, já que o ato é função do analista e não do sujeito. Essa suposição de saber é o corolário do discurso do analista que estabelece um campo, um lugar onde habita o Outro do saber, signatário do ser do sujeito. Com a certeza introduzida pela transferência o sujeito se mantém nessa busca por algo que diga o que ele é a partir do

sintoma transformado na questão que será respondida no percurso da análise. Note-se aqui a função da alienação, conforme Lacan a formula na lição de 16/01/68, retomando o estatuto do ato a partir da subversão do sujeito, o que implica na sua incidência sobre a posição do sujeito frente à castração e mais precisamente ao que concerne a função do sujeito suposto saber, visto que ela circunscreve as operações fundamentais de alienação, transferência e verdade.

Para Colette Soler (1991), o ato tem um ponto em comum com o sintoma na sua relação com a estrutura, ou seja, o ato é um dizer que responde onde o Outro faz falta, originando-se no real a exemplo do sintoma. Em outras palavras, o ato incide sobre a demanda de encobrir a falta no Outro, o que pode ser traduzido também pela demanda de poder dizer tudo sobre o seu ser, já que o Outro é aquele que detém a verdade sobre o sujeito. Sendo assim, o ato ao produzir a transferência, introduz um dizer que promete responder ao sujeito sua demanda, instituindo o sintoma analítico no qual o analista passa a ocupar o lugar de objeto a. O sintoma analítico, transitório por condição, coloca em cena o saber inconsciente, substituindo o gozo do sintoma pelo desejo de saber. Nesse caso o “sintoma muda de uso, substituindo seu valor de gozo insuficiente pelo valor de saber” (SOLER, 1991, p. 70-71).

Ainda no que concerne ao ato, Lacan (1967-68, p. 82) diz que “é concebível que o ato institua um verdadeiro começo”, para que seja verdadeiramente um ato autêntico tal como o ato de Freud com a descoberta do inconsciente, cujo efeito estabelece uma ruptura sobre o *Cogito* e subverte o “*penso, logo sou*” cartesiano, introduzindo na prática analítica o: “*ou eu não penso ou eu não sou*”, alusão feita por Lacan (1967-68) ao articular o ato psicanalítico à alienação estrutural do sujeito.

Com o Seminário 17, Lacan propõe retomar o projeto freudiano pelo avesso e formula os quatro discursos, articulando o campo da linguagem ao campo do gozo.

Sabemos que no início de seu ensino Lacan faz o retorno a Freud estabelecendo as leis da fala e da linguagem, as quais circunscrevem o discurso no nível da palavra em sua equivalência ao axioma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1959-60, p. 80-81). Assim, o sujeito (\$) dividido pela lei do desejo, é efeito de linguagem e situa-se entre dois significantes S1 e S2. A lei do desejo implica a metáfora paterna (Nome-do-Pai) da qual se deduz a função do objeto *a* como causa de desejo. O significante mestre S1 como matriz simbólica do sujeito, o traço vindo do Outro ao qual o sujeito se identifica, é o significante que representa o sujeito para outro significante S2. Entretanto, essa estrutura comporta a dimensão da falta, uma vez que nesse intervalo entre S1 e S2 algo sempre escapa à palavra, porque há um significante que falta para completar a cadeia associativa do sujeito, ou seja, o sujeito é referido à falta de um significante que diga o que ele é, o sujeito é falta-a-ser (QUINET, 2006, p. 25). Nesse momento o gozo cuja manifestação é sempre excedente é proibido ao ser falante (Lacan, 1998), sendo mantido fora do sistema como o real, o impossível, correlativo à coisa proibida (*das Ding*), conforme sua conceituação no seminário sobre a ética da psicanálise (LACAN, 1959-60).

A essa emergência do gozo como impossível, Freud faz referência em sua análise do Homem dos Ratos observando que a expressão estranha do seu rosto durante o relato do suplício chinês “só poderia ser interpretada como o horror de um gozo ignorado por si mesmo” (FREUD, 1909, apud VALAS, 2001, p. 18). Assim como no jogo do *Fort-Da* durante o qual seu neto de 19 meses demonstra uma espécie de “jubilação mórbida, como se sentisse, na dor desse jogo, uma espécie de prazer” (VALAS, 2001, p. 18). A partir disso, Freud identifica na vida psíquica “uma tendência irresistível à repetição, uma tendência cuja pulsação se afirma sem levar em conta o princípio do prazer, situando-se acima dele” (VALAS, 2001, p. 23), definindo assim as

coordenadas do campo do gozo ao qual Lacan se dedica no seminário, o avesso da psicanálise (LACAN, 1969-70).

Mas é em seu texto *“Recordar, repetir e elaborar”* (1914), que Freud aborda a questão da repetição no processo analítico, enfatizando que o que se repete na análise é o que não é recordado pelo paciente. Além disso, Freud aponta a relação entre repetição e transferência demonstrando que a intensidade da repetição está em relação direta com a intensidade da transferência, ao mesmo tempo em que chama a atenção para o fato de que o que não é recordado é atuado fora da análise, ou seja, *“acts it out”*, termo de onde derivou acting-out e que Lacan define como transferência sem análise. No acting-out verifica-se algo que escapa à cadeia significante, que não se submete à interpretação e Freud se pergunta sobre *“ação específica do analista que poderia responder ali”* (SOLER, 2010, p. 153).

Seguindo Lacan podemos dizer que a repetição se funda no retorno do gozo, e que há nessa repetição um desperdício de gozo, cuja consequência é a função do objeto perdido, porque o gozo ao se repetir se apresenta sob a forma de perda, onde Lacan aponta a função do traço unário no qual se origina tudo o que interessa aos psicanalistas como saber (LACAN, 1969-70/1992, p. 44). Saber que esse traço repete como diferença, saber marcado por um significante sem sentido em torno do qual se produz o discurso do analista, na medida em que é no ponto em que esse significante se manifesta que o ato é convocado. A repetição em análise remonta ao instante da fantasia, remete ao encontro com a falta apontando um saber sobre o qual o sujeito não sabe e pede uma intervenção que produza uma mudança na posição do sujeito, uma mudança de discurso.

A introdução do discurso como estrutura fundamental da linguagem aliada à afirmação de que *“o discurso é sem palavras”* (LACAN, 1969-70), permite ir além da noção de significante, sem, no entanto refutá-la. Abre-se a partir daí uma dimensão em

que o gozo como o real que escapa ao campo da linguagem, pode se tornar operante como efeito da função do objeto *a* enquanto mais-de-gozar. Segundo Quinet (2006), a formulação dos quatro discursos: do mestre, da histérica, do universitário e do analista, apresenta uma nova noção de laço social, articulando gozo e verdade. Se o gozo se manifesta na repetição, se presentifica como traço unário S1 e também como saber, é a repetição de S1 que constitui o S2 como o saber do inconsciente. Com isso passamos da estrutura da linguagem para as estruturas dos discursos, nas quais o objeto *a* assume a função de um mais-de-gozar que nomeia o gozo fracassado, perdido. Na repetição há o gozo da busca de reencontrar a primeira experiência de satisfação e também um gasto, ou seja, como mais-de-gozar, o objeto *a* representa a perda (entropia) e ao mesmo tempo a produção de gozo. (QUINET, 2006, p. 27).

Do ponto de vista da clínica pode-se perguntar como esta se configura a partir da definição dos discursos. Para Quinet a clínica do campo do gozo é a clínica do ato e não da palavra, “Com efeito, é o conceito de ato que corresponde ao campo do gozo, lá onde se manifesta a repetição, o masoquismo, o supereu, o para-além do princípio do prazer, onde reina a pulsão de morte” porque o “ato é um dizer – um dizer que funda um fato” (QUINET, 2006, p.41). Sem dúvida, o ato não se limita ao campo da linguagem, pelo contrário, ele o atravessa no instante em que o dizer corta a palavra. Afinal, o ato é exatamente esse significante que se introduz na cadeia associativa do sujeito fazendo corte, marcando um antes e um depois e promovendo sua divisão entre o “ou eu não penso ou eu não sou”, no qual se verifica como finalidade a sua destituição em prol da posição de objeto *a*, o que se realiza somente no final, quando o sujeito “cumpriu a tarefa ao término da qual se realizou como sujeito da castração, enquanto faltante ao gozo da união sexual” (LACAN, 1967-68, p. 103).

BIBLIOGRAFIA:

ELIA, Luciano. O Averso da Psicanálise e a Formação do Psicanalista. In: JORGE, M. A. C.; RINALDI, D. (org.). **Saber, Verdade e Gozo – Leituras de O Seminário, livro 17 de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Editora Rios Ambiciosos, 2002.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer in: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. Recordar, Repetir e Elaborar In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

LACAN, Jacques. O ato psicanalítico. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **O Seminário, Livro 7 – a ética da psicanálise (1959-1960)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **O Seminário, livro XV. O Ato Psicanalítico (1967-68)**, inédito.

_____. **O Seminário, livro 17 – o avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

PORGE, Erik. **Transmitir a Clínica Psicanalítica, Freud, Lacan, Hoje**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

QUINET, Antonio. **Psicose e Laço Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. **As 4+1 Condições da Análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SOLER, Colette. **Artigos Clínicos: Transferência, Interpretação, Psicose**. Salvador: Editora Fator, 1991.

_____. El Acthéisme del Analista In: GOMEZ, G. (org.). **Acto, pasage al acto y acting out em psicoanálisis**. Bogotá: Mavarac, Ltda, 2010.

VALAS, Patrick. **As Dimensões do Gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SOBRE A AUTORA

Liliana Marlene da Silva Alves. Psicóloga. Psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro. Mestranda do Curso de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Sérgio Scotti. Psicanalista, professor associado na graduação e pós-graduação do Departamento de Psicologia da UFSC, coordenador do Núcleo de Estudos em Psicanálise, autor do livro, “A Estrutura da Histeria em Madame Bovary”.